

Ansiedade e afeto como categorias-chave em narrativas literárias e midiáticas infanto-juvenis contemporâneas: uma abordagem a partir dos Estudos Culturais¹

*Anxiety and affection as key categories in
contemporary children's and youth literary
and media narratives: an approach based
on Cultural Studies*

Ana Lucia Silva Enne²

Universidade Federal Fluminense

Victória Machado Guedes Procópio³

Universidade Federal Fluminense

¹ Este artigo é uma versão ampliada do que apresentamos no XV ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, realizado em Salvador/BA, em agosto de 2019. Agradecemos aos participantes do GT de Culturas e Juventudes por todas as contribuições no debate que se seguiu à apresentação oral.

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades/PPCULT e do curso de Estudos de Mídia, ambos da Universidade Federal Fluminense/UFF. E-mail: anaenne@gmail.com

³ Graduada em Produção Cultural e graduanda em Estudos de Mídia, ambos pela UFF. Bolsista PIBIC CNPq/UFF do Laboratório de Mídia e Identidade/LAMI, coordenado pela professora Ana Lucia Enne. E-mail: vic.m.guedes@gmail.com

Resumo

Neste artigo, abordaremos algumas das mais bem sucedidas obras literárias voltadas para o público infanto-juvenil, visando observar como as categorias da ansiedade e do afeto se fazem presentes. Partimos da hipótese de que ambas, ansiedade e afeto, atravessam personagens e cenas, permitindo uma pedagogia em torno desses dois eixos, que se apresentam tanto como sintoma de um mal-estar contemporâneo como uma forma de capital social a ser utilizado especialmente no desempenho dos protagonistas. Para abordarmos estas questões, partimos de estudos teóricos acerca da cultura e comunicação em perspectiva interdisciplinar.

Abstract

In this article, we will address some of the most successful literary works directed toward children and adolescents, aiming to observe how the categories of anxiety and affection are present. We start from the hypothesis that anxiety and affection cross characters and scenes, allowing a pedagogy around these two axes, which present themselves both as a symptom of a contemporary malaise and as a form of social capital to be used especially in the performance of protagonists. To address these issues, we start from theoretical studies about culture and communication in an interdisciplinary perspective.

Palavras-chave

Narrativas; Ansiedade; Afeto; Sintoma; Capital Social

Keywords

Narratives; Anxiety; Affection; Symptom; Social Capital.

Introdução

Em 1997, a autora britânica J. K. Rowling publicou o primeiro volume dos sete que compõem a saga do bruxo Harry Potter. Vendeu, no total, cerca de 500 milhões de cópias, com traduções em mais de 70 países, e HP, como é chamado o personagem principal por seus incontáveis fãs espalhados pelo planeta, virou, juntamente com outros personagens, cenários, palavras e situações, uma febre em termos de consumo. A franquia para o cinema rendeu também oito filmes e consagrou os jovens atores. Uma profusão de produtos, associados ao universo mágico de Hogwarts, escola de bruxaria em que se passa boa parte da trama, foi consumida vorazmente. O complexo de produção e consumo Harry Potter gerou, segundo dados recentes, um valor estimado de cerca de 25 bilhões de dólares.

O sucesso deste filão narrativo, tanto em termos comerciais quanto de penetração no imaginário infanto-juvenil em âmbito global, foi o passo inicial para o surgimento de inúmeras outras sagas em torno de personagens infanto-juvenis, mais precisamente adolescentes, que precisam

superar problemas pessoais e familiares, incluindo lidar com ansiedade, déficit de atenção, abandono parental, maus tratos na infância, traumas diversos, dentre outros problemas, cuja trajetória heroica, para além do *plot* clássico da salvação coletiva, é também uma pedagogia para a superação das adversidades, para extrair das dificuldades as lições para o sucesso e realização, para uma imersão na vida social em torno de capitais valorizados, como uma rede de amigos e afetos, conquistas que vão indicar um alto rendimento de performance, mesmo quando o herói/a heroína perde a vida ao final.⁴

Neste esteio, vieram, portanto, diversas outras séries, como estamos indicando, e para este artigo optamos por trabalhar, além da saga *Harry Potter* acima mencionada, com os cinco volumes das peripécias do jovem *Percy Jackson* (primeiro volume lançado em 2005), uma criação do norte-americano Rick Riordan em que personagens que vivem nos EUA contemporâneo contracenam com deusas, deuses e seres fantásticos da mitologia grega; a trilogia *Jogos Vorazes*, da norte-americana Suzanne Collins (o primeiro volume lançado em 2010), na qual jovens de treze distritos disputam, em um torneio mortal, o direito de

⁴ Em uma formatura em Harvard, em 2008, quando discursou como homenageada, Rowling contou que “escolheu falar sobre dois temas aparentemente paradoxais, mas que foram fundamentais em sua trajetória de superação, segundo ela: os benefícios do

fracasso e a importância da imaginação” (Idem). Para conferir o vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=wHGqp8lz36c>. Consultado em: 05/04/2019.

ser o único sobrevivente e de honrar sua comunidade; e, por fim, a trilogia *Divergente* (primeiro volume lançado em 2011), da também estadunidense Veronica Roth, cujos personagens enfrentam o poder instituído em busca de liberdade e possibilidade de viver a diferença e a diversidade.

Em comum, todas as tramas, sobre as quais falaremos com mais detalhes no decorrer deste trabalho, possuem: a) personagens principais que são adolescentes/jovens com problemas pessoais e existenciais duros, como os já citados acima; b) tramas fantásticas e/ou distópicas, apontando para mundos não “reais”, ao mesmo tempo em que encenam questões, angústias e preocupações das juventudes contemporâneas, como a dificuldade de lidar com a família, a alteridade, o instituído, o mundo adulto, do trabalho, da sociabilidade; c) enquadramentos em que o mal é personificado pelo mundo adulto, político, incorporado em instâncias institucionais tradicionais (a escola, o governo, a família, a política em geral), que age de forma despótica e precisa ser combatido; d) redes de amizade que constituem capital social fundamental nestas narrativas, se sobrepondo aos outros laços sociais; e) as categorias da ansiedade e do afeto ocupam lugar central nessas tramas, seja como sintoma de um mal-estar simbolizado como geracional, seja como

capital para o desempenho dos personagens em situações que simbolicamente representam um mundo competitivo que exige uma performance adequada.

Nos anos 1930, Sigmund Freud tentou compreender, no contexto do entre guerras, como se constituía uma *maladie* coletiva, um mal-estar na cultura, sintoma de uma neurose partilhada, envolvendo a não satisfação, a sensação de tristeza, angústia e melancolia, um medo contínuo de não se ajustar e ser abandonado. Assim, para Freud, “*grande parte da culpa pela nossa miséria é de nossa chamada cultura*” (Freud, 2010, p. 81), traço que se avoluma na modernidade ocidental. Na contemporaneidade, com o deslocamento acentuado da produção para o consumo como esfera fundamental da vida cultural, esse mal-estar relacionado à insatisfação se acentua, já que a cultura do consumo se baseia em lógicas de obsolescência e descarte que estimulam a sensação de insaciedade e não satisfação do desejo e do prazer.

Como indica Colin Campbell (2001), o hedonismo moderno se diferencia do tradicional exatamente pela necessidade de esticar a expectativa como forma de aumentar o prazer, visto que a prática, o ato do consumo, acaba se revelando frustrante e insatisfatório. Neste sentido, o consumo das mercadorias na contemporaneidade, incluindo aí os sujeitos-

signos-mercadorias, se insere de forma significativa no mal-estar da cultura contemporânea, pois vai ao encontro desta mesma lógica de expectativa-frustração-insaciedade. Querer ser percebido, construir redes de afeto, vencer na vida, não ser deixado de lado, corresponder ao que se espera, dentre outros fatores de angústia, são preocupações recorrentes no discurso dos jovens de classe média, como temos percebido na coleta de dados de nossa pesquisa⁵.

O mal-estar sintomaticamente se manifesta na ansiedade contínua e no adiamento dos projetos, em uma tentativa de presentificação permanente. E de certa forma se concentra em alguns antídotos, dentre eles o retorno a uma possibilidade comunitária de construção de redes de relação de afeto. Mas trata-se de um afeto no sentido pós-moderno, como descrevemos acima, em que não nos deixamos de forma significativa nos afetar pelo outro, mantendo uma relação mercadológica com o plano afetivo, de consumo e descarte de acordo com o grau de satisfação e insatisfação que as relações nos proporcionam, e a partir das leituras de quanto capital social os laços de afeto e seus traços visíveis nos proporcionam.

⁵ As reflexões contidas neste artigo são um recorte de um trabalho de fôlego ampliado, que pretendemos publicar na forma de livro, a partir da pesquisa “*Ansiedade e afeto como sintoma e capital na cotidianidade das juventudes contemporâneas: o papel das mídias na*

Dessa forma, o afeto pode ser pensado como recurso para o acúmulo de capital social, no sentido proposto para o termo por Pierre Bourdieu (2007). Algo que permita a construção da singularidade e da distinção, fornecendo não só formas de empoderamento, como também ferramentas estratégicas para a construção de aproximações e separações sociais. Mas também podemos pensar o afeto como capital acumulado retornando à reflexão de Simmel (1987), que nos lembra que outra angústia do homem moderno urbano, para além de lidar com o hiper-estímulo sensorial, é se relacionar com a perda das referências sociais que o estilo de vida metropolitano ocasiona. A busca da notoriedade e da atenção passa a ser, portanto, uma preocupação do sujeito moderno. Entendemos que as redes sociais contemporâneas, tanto presenciais quanto virtuais, com sua transitoriedade e efemeridade, também possibilitam e exigem um comportamento distintivo acentuado. Neste sentido, são utilizadas diversas estratégias para gerar distinção e acúmulo de capital social que configure prestígio e poder. Entendemos que o afeto é um elemento fundamental neste processo. E, neste sentido, a categoria do afeto também se configura como um sintoma do mal-estar da cultura

construção de uma pedagogia ambivalente para o capitalismo globalizado”, que desenvolvemos junto ao Laboratório de Mídia e Identidade/LAMI, da UFF.

contemporânea, tanto quanto a ansiedade.

Na descrição que faz Zygmunt Bauman das sociedades líquido-modernas, as mudanças rápidas nas formas de agir, antes da consolidação em hábitos e rotinas, aumentam a liquidez da vida e da sociedade, implicando em dificuldades crescentes de solidificar as realizações individuais, com perda da experiência e das condições estáveis, fazendo com que os sujeitos passem a compreender que *“a vida líquida é uma vida precária, vivida em condições de incerteza constantes”* (Bauman, 2007, p. 8). Nesse sentido, é preciso interromper processos de longa duração, submetendo o ritmo da vida a sucessivas mudanças e recomeços. Isso, de certa forma, insere o sujeito nesse novo estilo de vida, em que coisas e pessoas não podem ser percebidas ou se perceberem como obsoletas para não serem descartadas. Mas, nos lembra Bauman, os múltiplos recomeços também implicam em múltiplos finais, o que ocasiona sofrimento e dor. É preciso, neste sentido, não se apegar, *“esquecer, apagar, desistir e substituir”* (Bauman, 2007, p. 9). Assim, para Bauman, a expressão mais significativa deste estilo de vida líquido é a *“vida para o consumo”*, onde objetos que perdem a utilidade, o viço, a atração, o poder de sedução e o valor são descartados, inclusive as pessoas objetificadas. Por isso, é preciso cuidado com a construção de si para consumo do outro, dentro de uma

lógica de mudança constante e desapego. O afeto entra aí novamente como capital e sintoma de um processo permanentemente ansioso e angustiante.

A partir destes breves comentários sobre ansiedade e afeto, postulamos a hipótese, que já temos discutido em outros trabalhos, de que ansiedade e afeto são sintoma e capital para as juventudes contemporâneas, em especial se tomarmos como referência para classificar estas juventudes o corte de classe e o de raça, pois entendemos que tais narrativas se destinam, prioritariamente, a jovens brancos de classe média, que serão incorporados como peças fundamentais na engrenagem do sistema capitalista contemporâneo com seu forte acento neoliberal, em que a competição, a habilidade para construir distinção, o desapego, a flexibilidade, a capacidade de superação e resiliência, bem como a experiência cotidiana do estresse, da ansiedade, da instabilidade, são exigências para garantir um alto desempenho em um mercado que opera a partir de tais características, em uma lógica especulativa, de emulação e descarte. Por isso, entendemos que o capitalismo, através de diversos produtos e segmentos, como as narrativas infanto-juvenis aqui esmiuçadas, mas também séries televisivas, filmes de entretenimento e games, constrói uma pedagogia cognitiva para que estes jovens adquiram as habilidades e

competências em termos de rendimento para atender às expectativas e exigências do capital. Neste sentido, entendemos que tais produções, para além de criações artísticas cujos méritos aqui não estamos julgando, são parte da face cultural do capitalismo contemporâneo. Em nossa pesquisa, temos buscado pensar esses produtos de forma ampla e contínua. Neste artigo, no entanto, por razões de espaço, mas também de andamento do cronograma da pesquisa, nosso foco irá recair sobre as narrativas infanto-juvenis, como demonstraremos a seguir.

Ansiedade e afeto nas narrativas infanto-juvenis: HP, Percy Jackson, Jogos Vorazes e Divergente

Sabemos que juventude é uma categoria complexa. Pierre Bourdieu (1983) chama a atenção para o caráter classificatório social desta palavra, que, muito mais do que corresponder a uma determinada faixa etária, permite a criação de marcadores sociais de delimitação e definição de grupos, comportamentos, identidades, não podendo, portanto, ser tomada como uma categoria naturalizada, mas como uma construção social. Diversos autores apontam que, neste sentido, ela só pode ser pensada em termos plurais, ou

seja, devemos falar de juventudes, para evitar reducionismos e simplificações. E por sua condição de marcador simbólico, também em alguns autores prefere-se o termo culturas juvenis ao de juventudes, para evidenciar o traço de construção cultural atrelado à categoria. Em outro trabalho, apontamos para a possibilidade de pensar a categoria como espírito do tempo e estilo de vida (Enne, 2010), tomando como referência os cortes de classe e raça, para pensar como se construiu, hegemonicamente, uma ideia de juventude em escala mundial em que os valores e práticas a ela associados são os relacionados à classe média branca. Neste sentido, juventude acaba sendo percebida como categoria homogênea, em que a hegemonia cultural camufla as diferenças, constituindo um tipo predominante do jovem/da jovem e de seus dilemas/problemas/questões, que irão ser narrados de forma recorrente nas narrativas que aqui estamos mapeando.

Assim, partimos da ideia de que juventude, em toda a sua complexidade, mas principalmente no seu sentido hegemônico, é uma construção da modernidade ocidental. Ao estudarmos os parâmetros culturais que se desenvolvem a partir da solidificação da modernidade como a conhecemos, vemos que certos padrões de comportamento e cognição se manifestam em sujeitos atrelados a um conceito complexo de juventude. Em nossas

pesquisas, nos deparamos com um fluxograma produzido pela equipe do Box 1824 em sua plataforma de pesquisa *Ponto Eletrônico*⁶. Na introdução ao quadro, Lydia Caldana, autora do artigo “*Conservadores, migrantes e nativos: as gerações e a Internet*”, afirma: “*Independente (sic) da época, o jovem se comporta de forma transversal a todas as gerações*”⁷. Nesta proposta de classificação, todo jovem seria, segundo o quadro acima citado: a) Insurgente (imagem com punhos fechados de revolução); b) Experimental (imagem de um pirulito de coração); c) Libertino (imagem de um coquetel *molotov*); d) Desbravador (imagem de um ponto de localidade); e) Libertário (imagem de um avião de papel); f) *Identity Seeker* (imagem de uma impressão digital).

O sistema de classificação, como um todo, merece uma análise detalhada. Mas, em razão dos interesses desse artigo, iremos nos ater às categorias de “Insurgente” e “Identity Seeker” (“Procurador de Identidade”), que nos permitirão pensar como as questões de afeto e ansiedade estão atreladas a uma certa representação narrativa, textual e/ou

imagética, do jovem na contemporaneidade, e como as narrativas infanto-juvenis de sucesso que abordaremos neste trabalho nos evidenciam como tais questões, vividas no mundo “real”, são configuradas no mundo fictício, distópico ou fantástico, para depois serem reconfiguradas, de forma pedagógica, no mundo da recepção da tessitura da intriga, no sentido proposto por Paul Ricoeur (1994) quando elabora sua teoria da narrativa em torno da tríplice mimese.

Para esta pesquisa selecionamos, com base em suas repercussões mundiais entre jovens (tendo também abarcado, enquanto público, sujeitos de outras faixas etárias), obras literárias (depois convertidas em séries cinematográficas) que ilustram e reforçam certos comportamentos, aspirações e imaginários, dentre elas: *Harry Potter*, *Percy Jackson*, *Jogos Vorazes* e a trilogia *Divergente*; todos com produções audiovisuais adaptadas da literatura, cujas narrativas são tecidas com componentes místicos e psicológicos que irão atravessar o imaginário das juventudes no início do séc. XXI.

Podemos sintetizar o enredo de *Harry*

⁶ Empresa especializada em temas ligados à juventude, que opera claramente no recorte de classe e raça aqui apontados. Seu nome, Box1824, refere-se, no que tange aos números, ao enquadramento proposto pela ONU em que a juventude deve ser entendida como a fase etária que vai dos 18 aos 24 anos, critério que universaliza a ideia de juventude e apaga as múltiplas diferenças.

⁷ Para mais detalhes, conferir <https://medium.com/@box1824/conservadores-migrantes-e-nativos-as-gera%C3%A7%C3%B5es-e-a-internet-d2147ab33278>. Consultado em: 05/04/2019.

Potter, em seus sete volumes, da seguinte forma: um menino aparentemente comum vive no armário debaixo da escada de seus tios, tendo perdido os pais e sendo maltratado por esses que o criam. Ao completar 11 anos, ele recebe uma visita revelando que ele, na verdade, é um bruxo e estava sendo convidado para cursar a maior escola de magia e bruxaria, onde forma seu grupo de amigos e acaba se envolvendo em diversas aventuras no mundo mágico a partir de então, incluindo uma batalha mortal contra seu maior inimigo, Lord Voldemort. No decorrer da trama, HP também vai passando por fases de crescimento, que marcam sua entrada na adolescência e na juventude⁸.

No caso da série *Percy Jackson*, o personagem principal homônimo é um adolescente norte-americano com dificuldades de aprendizado, que não consegue permanecer mais de um ano em uma mesma escola. Até que ele é perseguido por seres mitológicos e seu professor e o seu melhor amigo revelam a verdade: ele é um semideus e deve ser enviado para o campo de treinamento, onde encontra

outros jovens semideuses, os quais devem lutar para salvar o mundo ameaçado por uma disputa entre os deuses gregos, que no presente vivem nos EUA⁹.

Na trama da trilogia *Jogos Vorazes*, a personagem principal, Katniss Everdeen, é moradora do Distrito 12 da cidade de Panem. Após uma desolação geográfica mundial, Panem é construída e dividida em 13 distritos, cada um responsável por um setor da produção de bens da Capital. A Capital, após uma rebelião dos distritos, sai vitoriosa e instaura um mecanismo de controle e manutenção de poder que são os Jogos Vorazes, onde 24 jovens são sorteados a participar de um jogo de matar ou morrer em uma arena, televisionado para toda a nação. Nossa heroína se voluntaria no lugar de sua irmã mais nova e vive conflitos e tensões nos Jogos e contra a dominação da Capital¹⁰.

Por fim, abordaremos, neste trabalho, a também trilogia *Divergente*, na qual a personagem Tris Price vive em uma Chicago futurista e distópica, onde cada jovem ao

⁸ A saga criada por J. K. Rowling, publicada pela primeira vez em 1997, é composta por sete volumes: *HP e a Pedra Filosofal*, *HP e a Câmara Secreta*, *HP e o Prisioneiro de Azkaban*, *HP e o Cálice de Fogo*, *HP e a Ordem da Fênix*, *HP e o Príncipe Mestiço* e *HP e as Relíquias da Morte*. https://pt.wikipedia.org/wiki/Harry_Potter. Consultado em: 05/04/2019.

⁹ Do autor Rick Riordan, teve sua primeira edição em junho de 2005. A saga conta com cinco livros: *O Ladrão*

de Raios, *O Mar de Monstros*, *A Maldição do Titã*, *A Batalha do Labirinto* e *O Último Olimpiano*. https://pt.wikipedia.org/wiki/Percy_Jackson. Consultado em: 05/04/2019.

¹⁰ Da autora Suzanne Collins, a saga distópica foi lançada em 2008 e conta com mais dois títulos: *Em Chamas* e *A Esperança*. https://pt.wikipedia.org/wiki/The_Hunger_Games. Consultado em: 05/04/2019.

completar 16 anos é designado a uma facção de acordo com o resultado de um teste de aptidão. Porém, ao receber um resultado incerto em seu teste, Tris começa a se perguntar o que estaria de errado com ela e por que ela não pôde ser designada devidamente a uma facção. Ao descobrir que sua condição tem um nome, Divergente, Tris vai enfrentar muitos desafios e esquemas de corrupção para salvar seus amigos, sua família e sua própria vida¹¹.

De acordo com a metodologia que elaboramos, desenvolvemos um quadro comparativo das narrativas das obras acima citadas, elegendo algumas categorias que nos permitem vislumbrar certos “padrões de comportamento” tanto dos personagens quanto da forma pela qual a narrativa é construída. Analisaremos alguns fragmentos desse quadro neste artigo, buscando evidenciar as situações de afeto e ansiedade, pontos fundantes dessa pesquisa¹². Assim:

a) Atribuímos características de “desabilidades” que acompanham nossos heróis e heroínas desde o começo da sua construção, tais desabilidades criando motivos ou condições de desconforto. Como

Percy Jackson, que apresenta dislexia e sempre encontra dificuldades em se adaptar ao ambiente escolar, não tendo conhecido seu pai e tendo sofrido com padrastos violentos; como Harry Potter, que sempre se sente diferente e menos considerado por ter perdido seus pais e ter sido negligenciado pelos tios; da mesma forma, a Tris de *Divergente* também se mostra aflita ao vivenciar a sensação de “se sentir de fora” e nunca pertencente dentro das normas da sociedade distópica na qual vivia; e Katniss, heroína de *Jogos Vorazes*, é representada como sendo uma moça advinda do Distrito mais pobre e negligenciado da Capital, no qual sua família encontra dificuldades para se alimentar, diminuindo suas chances de ser vitoriosa na competição. Essas são características traçadas para mostrar que são jovens pouco privilegiados e que desde pequenos passam dificuldades até adquirirem o entendimento de quem são. Portanto, suas vidas são atravessadas por dificuldades, problemas de afeto e instabilidade emocional, gerando inúmeras cenas e situações em que a ansiedade e o desconforto são parte da narrativa acerca dos personagens. Tais “desabilidades”, no decorrer das tramas, serão

¹¹ Da autora estadunidense Veronica Roth, o primeiro livro da série foi lançado em 2011, e conta com mais dois títulos: *Insurgente* e *Convergente*. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Divergente_\(trilogia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Divergente_(trilogia)). Consultado em: 05/04/2019.

¹² Pretendemos explorar, no produto final da pesquisa, esse quadro de forma mais detalhada, o que não seria factível nos limites de páginas desse artigo.

compensadas por “habilidades”, criando um complexo e ambíguo jogo entre as duas facetas de suas vidas e personalidades.

b) Além do contexto sócio-geográfico das personagens, inserimos outra atribuição que se apresenta na jornada das personagens, que são seus “privilégios” e “fardos” diante da composição da história e sua responsabilidade no enredo: Percy Jackson, sendo filho de Poseidon, apresenta uma responsabilidade e poder maior por ser filho de “um dos três grandes deuses”, o que o leva a carregar o fardo de salvar a terra de iminente destruição pela ira do Deus do Olimpo; Harry, por ser “o menino que sobreviveu” ao ataque do maior e mais temido bruxo das trevas de todos os tempos, carrega, além da fama, a responsabilidade de vencer o mal; Tris é Divergente, que carrega a possibilidade de ser múltipla, porém, diante do contexto distópico, aqueles que são divergentes são perseguidos por serem capazes de modificar o *status quo* da hegemonia dominante; e Katniss domina o manuseio de arco e flecha pela sua experiência em caçadas por sobrevivência e se voluntaria pela sua pequena irmã para entrar nos jogos vorazes, carregando consigo a responsabilidade de sobreviver para trazer glória ao Distrito 12 e retornar viva à família. Novamente, o fardo moral é fator de

ansiedade e angústia para os personagens e suas redes de sociabilidade.

c) Outra reincidência nessas narrativas é a presença de “parceiros” e “mentores” auxiliando os jovens heróis. No entanto, é possível observar diferenças, em relação a esse ponto, em termos de construções de gênero, pois percebemos que, nas narrativas de personagens masculinas, é frequente a presença de um amigo homem e uma amiga mulher formando um trio inseparável, enquanto nas narrativas de personagens femininas temos uma quantidade de aliados, mas nenhum realmente inseparável da vivência da personagem, alternando entre relacionamentos românticos ou amizades passíveis de desconfiança. Podemos ver, dessa forma, uma semelhança interessante nas histórias que têm uma personagem feminina como principal em contraponto às histórias com personagens masculinos como principais, e, ao mesmo tempo, as diferenças e similaridades na construção de suas narrativas: vemos que as histórias com personagens principais femininas, como Jogos Vorazes e a trilogia Divergente, têm as seguintes características em comum: a “iniciação” no mundo real e dos adultos tem início com um grande evento, aos 16 anos¹³, e a partir desta iniciação, as

¹³ Nos estados unidos, há um ritual de iniciação para as meninas, com realização, aos 16 anos, de sua festa de

sweet sixteen (“dozes dezesseis”).

heroínas veem o mundo e o sistema como realmente são, incluindo todas as suas corrupções, passando a carregar a responsabilidade de modificar isso sozinhas, tendo para isso alguns parceiros nos quais não é possível confiar plenamente.

Podemos observar alguns dos traços acima destacados nos seguintes trechos retirados das narrativas:

Harry ouviu uma risada em sua mente, uma risada desagradável e aguda... sentiu o cheiro de podre do dementador, **um frio letal encheu seus pulmões afogando-o - pense... alguma coisa alegre... // Mas não havia felicidade nele... os dedos enregelados do dementador começaram a se aproximar da sua garganta (...)** e os rostos dos amigos surgiram com nitidez em sua mente **enquanto ele lutava para respirar** (ROWLING 2003, p. 20. Grifos nossos)¹⁴.

Queremos observar como a descrição do estado de espírito de Harry Potter, nessa e em outras inúmeras cenas da saga, remetem a sensações de pânico, infelicidade, ansiedade e dor, reportando a estados de depressão e ansiedade. A própria autora da saga, J. K. Rowling, comentou, em entrevistas, sobre os maléficos dementadores serem a personificação da depressão, doença que acomete diversas pessoas no mundo todo, inclusive a própria autora. E embora a trama tenha sido um sucesso de vendas e recepção, não foram poucas as críticas ao mundo

sombrio descrito pela autora, com muitas mortes e perdas, incluindo o crescimento doloroso do personagem principal. Essa sensação de mal-estar com o ambiente e enredo que parte do público sentiu na leitura de HP se propaga também pelos outros conjuntos literários aqui abordados, com leitores e espectadores lamentando as situações de morte, perda, abandono, loucura e sofrimento que perpassam os romances.

No trecho abaixo, retirado da trilogia *Jogos Vorazes*, a questão da depressão e da ansiedade ganha contornos mais explícitos, incluindo a descrição do surto nervoso por que passou o personagem Peeta, bem como o seu tratamento através de medicamentação alopática.

Peeta já está acordando, sentando no lado de sua cama, **pareceu confuso, com um trio de médicos tranquilizando ele**, lampejando luzes em seus olhos, checando seu pulso. Eu estou frustrada por não ter sido o primeiro rosto que ele viu quando acordou, mas ele vê isso agora. **Sua feição registra incredulidade e alguma coisa mais intensa que eu não posso exatamente localizar.** Desejo? **Desespero?** Sem dúvida ambos, para ele empurrar os médicos de lado, pular de pé, e se mover em minha direção. Eu corro de encontro a ele, meus braços estendidos para abraça-lo. Suas mãos estão me alcançando, também, para acariciar a minha face, eu penso. Meus lábios estão justamente formando seu nome **quando seus dedos se fecham em volta da minha garganta** (COLLINS, 2010, p. 70)¹⁵.

Para atender aos propósitos de nossa

¹⁴ Harry Potter, reunindo lembranças felizes para realizar o feitiço *Expecto Patronum* contra dementadores, que são seres que sugam as boas lembranças de suas vítimas.

¹⁵ A cena descreve o encontro entre Katniss e Peeta, após ele ser resgatado da Capital, onde foi abusado e sofreu uma lavagem cerebral para associar Katniss ao sentimento de ódio.

pesquisa, no quadro que elaboramos inserimos situações que tematizam a questão da ansiedade e situações que tematizam questões de afeto, as quais perpassam a construção das histórias e das personagens, considerando momentos de descoberta de uma identidade “real”, ou que o mundo anterior vivido era uma experiência de proteção (no caso de Percy Jackson e Harry Potter), situações de enfrentamento do mal e dos inimigos fortalecidos pelas engrenagens do sistema ou pela corrupção, morte de parentes e amigos, situações decisivas de batalhas, envolvimento românticos, que nos levam também ao setor ao campo do afeto, onde esses personagens nutrem e compartilham afeições e carinhos com outras personagens da história, mas, mesmo assim, nunca estão completamente entregues àquelas relações por conta dos seus fardos e responsabilidades, além das eventuais mortes de personagens próximos, como parentes, pais, mentores e amigos, quando não dos próprios personagens principais. Destacamos abaixo algumas passagens como ilustração.

Uma vez, quando eu estava em uma cobertura numa árvore, esperando imóvel por uma caça vaguear, eu cochilei e caí 3 metros no chão, caindo sobre minhas costas. Foi como se o impacto tivesse **bloqueado todo fragmento de ar dos meus pulmões, e eu fiquei deitada lá, lutando para inalar, exalar**, fazer qualquer coisa. **Era como eu me sinto agora, tentando lembrar**

¹⁶ Katniss Everdeen antes de se voluntariar como tributo, logo após ouvir o nome de sua irmã caçula sorteada para os Jogos Vorazes.

como respirar, incapaz de falar, totalmente estupefata enquanto o nome salta para dentro do meu crânio (COLLINS, 2008, p. 16)¹⁶.

Harry estava olhando para sua família, pela primeira vez na vida. Os Potter sorriram e acenaram para Harry e ele retribuiu o olhar, **carente (...) sentiu uma dor muito forte no peito**, em que se misturavam a alegria e uma **terrível tristeza** (ROWLING, 2000, p. 179)¹⁷.

Considerando as características que, no começo do texto, selecionamos no esquema sobre juventude proposto pelo Box 1824, podemos inferir que todas as histórias e narrativas seguem as características destacadas para os jovens: a de serem insurgentes e de constantemente estarem em busca de encontrar e compreender suas identidades e quem são. Assim, os personagens principais vão contra os padrões hegemônicos do seu próprio contexto repressor (principalmente nas histórias com as personagens principais femininas), como também se colocam no mundo e no contexto tentando construir as mudanças para um mundo melhor (nas narrativas de Percy Jackson e Harry Potter esse ponto é o destaque). Todos os heróis e heroínas elencados enfrentam uma batalha interna para se descobrirem e entenderem quem são e qual a importância que ocupam naquela história, bem como as possibilidades de interferência na realidade que eles possuem, sem modificar aquilo que eles são/ querem ser/ querem se

¹⁷ Harry vendo sua família no Espelho de Ojesed, que “*não mostra o seu rosto, mas o desejo em seu coração*” (ROWLING, 2000, p. 179).

mostrar ser, mas ao mesmo tempo exigindo deles um enorme esforço de desempenho, renúncia e dedicação, bem como um desapego ao que conseguiram em termos de afetos para se dedicarem ao projeto maior de vencerem os desafios que a vida lhes impôs.

Ao abordar a questão da distopia em nossas reflexões sobre afeto e ansiedade como sintoma e capital na juventude, percebemos que esses sintomas se encontram latentes de forma significativa nas narrativas distópicas aqui analisadas (Jogos Vorazes e Divergente). As distopias, como gênero narrativo, “*buscam o assombro, ao acentuar tendências contemporâneas que ameaçam a liberdade*” (Hilário, 2013, p. 205), alimentando ainda mais as tendências aos reflexos de medo e ansiedade para com a sociedade atual e seus modos de vida (THEBALDI, 2016).

Levanto os joelhos até meu peito e enterro o rosto neles. **Queria ter vontade de chorar, porque as lágrimas talvez me proporcionem uma sensação de libertação**, mas a vontade não me veio. Como é possível ser reprovada em um teste para o qual é proibido se preparar? // À medida que o tempo passa, **vou ficando mais tensa**. Sou **obrigada a enxugar minhas mãos a toda hora, sempre que o suor se acumula**. Ou **será que estou fazendo isso apenas para me acalmar?** E se eles disserem que não me encaixo em nenhuma das facções? Eu teria que viver nas ruas, com os sem-facção. Não conseguiria viver assim. **Viver sem facção não significa apenas viver na pobreza e no desconforto; significa viver afastado da sociedade, separado da coisa mais importante da vida: a comunidade** (ROTH, 2012, p. 16)¹⁸.

Mais uma vez, a descrição aponta para questões fundamentais no que estamos entendendo aqui como uma pedagogia em torno da ansiedade, que acomete continuamente as personagens principais. Ansiosas, elas precisam superar as adversidades, tristezas, abandonos, dores, sensação de não pertencer, de ser diferente e fracassado, para conquistarem suas redes, seu protagonismo, suas formas de capital. Suas performances, nas narrativas que mapeamos, são ambíguas. O capital acumulado pela dureza da vida, as dificuldades no campo do afeto e da ansiedade, funcionam também como elemento chave na construção da performance e na capacidade do herói/heroína desempenhar o papel que lhe cabe. Neste sentido, em diálogo com situações contemporâneas em torno do mal-estar relacionado à ansiedade e às dificuldades com o afeto, as tramas apontam para uma ambivalência na construção dessas duas categorias, que aparecem ora como recursos proveitosos, ora como maldições aprisionadoras. A nosso ver, como procuramos demonstrar brevemente neste trabalho, a ambiguidade em torno destas características é fundamental para a constituição das tramas e das personagens, funcionando, assim, como uma moral contemporânea acerca dos lugares do afeto e da ansiedade na constituição das

¹⁸ Tris aguardando o resultado do seu teste de aptidão para saber qual sua facção.

subjetividades e na performance social dos sujeitos em termos de conquistas, superação, resiliência e produtividade social, uma espécie de pedagogia para uma cognição comportamental de uma geração de jovens, a partir dos recortes de classe e raça que sugerimos, bem como as diferenças pretendidas no que tange aos desempenhos e papéis de gênero, como brevemente buscamos apontar.

Ampliando as discussões para desdobramentos futuros

A partir dos debates e das contribuições ao nosso artigo após a apresentação do mesmo no Encontro Multidisciplinar em Culturas ENECULT em agosto de 2019 (ver a nota 1), elencamos aqui algumas questões que se abriram para futuras investigações: se as narrativas aqui listadas podem ser compreendidas dentro de um fluxo cultural em que são fornecidos modelos de conduta para as juventudes a partir de uma pedagogia cognitiva, como procuramos demonstrar, devemos nos perguntar como o público se relaciona com as mesmas em termos de identificações e projeções. De que forma, na prática da recepção dessas narrativas, os receptores, para além de introjetarem as

estratégias pedagógicas desses textos, exercem sua agência, agindo sobre eles e completando o arco hermenêutico de que fala Ricoeur ao abordar a terceira mimese? E, seguindo essa linha reflexiva, como, na contemporaneidade, os blogueiros e *booktubers* em seus canais sobre leitura, muitas vezes com milhares de seguidores, influenciam as práticas de recepção dessas narrativas?

Pensar os formatos literários e explorar como os sujeitos se relacionam com as narrativas nos faz refletir sobre como a cultura da convergência pós-massiva, conceito cunhado por Henry Jenkins, se reflete nos consumos e produções desses consumidores-produtores. Pensar narrativas, no nosso caso, é pensar também além do que elas contam em suas linhas e analisar o comportamento fora das páginas. Na conjuntura atual, em que temos como principal meio de informação a internet e as mídias colaborativas, é importante pensarmos sobre como as mídias e obras “tradicionais” se modificam a partir da recepções e das práticas dos leitores/ouvintes/espectadores, entendendo, também, como a troca entre narrativas e ações se dá intensamente. Assim, novos desdobramentos e novas histórias como *fanfics* surgem dessa cultura da convergência. Com a expansão da rede foi possível aumentar as discussões no espaço e no tempo, em que pessoas de diferentes localidades podem se

agrupar com a mediação do espaço virtual. Pensar esses novos moldes de interação é pensar em novas formas de se apropriar e consumir. Entendemos, portanto, que estamos diante de um processo crescente de difusão comunicacional, com o surgimento de fandoms continentais e até mundiais, da enorme influência exercida por blogs e canais do youtube a partir da mobilização de fãs, indicando novas formas de fruição e agência cultural.

Jenkins narra a empreitada de uma adolescente de 14 anos, Heather Lawver, que se tornou editora-chefe de seu próprio jornal virtual sobre o universo mágico de Harry Potter inserido no mundo real, o *Daily Prophet*, no final do século XX (ano 2000). Isso resultou numa enorme mobilização de jovens de todo o mundo reinventando suas histórias a partir de suas vivências, situação esta que ilustra como os sujeitos projetam nas narrativas a sua realidade e de que forma as suas premissas individuais são remontadas a partir de diferentes influências.

Alguns anos após esse projeto de Heather, vemos uma enorme repercussão audiovisual de blogueiros que se dedicam a realizar críticas de livros e dar suas opiniões pessoais a respeito de diferentes obras literárias no youtube. Os *booktubers* hoje podem ser considerados como os legitimadores

dos “cânones” da literatura contemporânea e referências de consumo das obras, exercendo o lugar de mediadores culturais e agentes fundamentais na reiteração das pedagogias que abordamos neste artigo.

Ao analisar as playlists de resenhas dos canais literários da amostragem da pesquisa, com o objetivo de identificar os tipos das obras lidas e compartilhadas pelos *booktubers*, notou-se que algumas temáticas e alguns títulos são privilegiados em detrimento de outros, como, por exemplo, a série Harry Potter, de J. K. Rowling; a série Percy Jackson e os Olimpianos; de Rick Riordan; O nome do vento, de Patrick Rothfuss; A culpa é das estrelas e Cidades de papel, de John Green; a série A seleção, de Kiera Cass; a série Diário de um Banana, de Jeff Kinney; a trilogia Divergente, de Veronica Roth; a trilogia Jogos vorazes, de Suzanne Collins (TEIXEIRA; COSTA, 2016, p. 25).

É tarefa para nossas futuras reflexões investigar os desdobramentos desta pedagogia nas práticas dos leitores, como apontamos nessas reflexões finais, bem como compreender quais são as matrizes culturais, no sentido proposto por Martín-Barbero (1997), que fornecem os modelos pelos quais as narrativas que aqui listamos são construídas, alimentando um imaginário que busca garantir os efeitos de sentido pretendidos.

Referências bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção**. São Paulo: EDUSP, 2007.

_____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

CAMPBELL, Colin. **A ética romântica e o espírito do consumismo moderno**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

CORDEIRO, Marcus A. da Silva; GOES, Beatriz Silva; NOGUEIRA, Wilson de Souza. Jogos Vorazes e a questão da distopia na série de filmes de Gary Ross e Francis Lawrence. **Revista Geminis**, a. 7, v. 1, pp. 257-272, 2016.

ENNE, Ana Lucia. Juventude como espírito do tempo, faixa etária e estilo de vida: processos constitutivos de uma categoria-chave da modernidade. **Comunicação, Mídia e Consumo**. Revista ESPM. São Paulo, v. 7, n. 20, 2010.

_____. Reflexões sobre condutas juvenis contemporâneas: ansiedades e afetos como sintoma e capital. In: **XI RAM Reunión de Antropología del Mercosur**. Córdoba, Argentina, 2013.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na cultura**. Porto Alegre: L&PM, 2010.

HILÁRIO, Leomir Cardoso. Teoria Crítica e Literatura: A Distopia como ferramenta de

análise radical da modernidade. **Anuário de Literatura**. UFSC, 2013.

JENKINS, Henry. *Cultura da Convergência*. São Paulo: editora Aleph, 2009.

KIRCHOF, Edgar Roberto. SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. Leitura em tempos de rede: *booktubers* e jovens leitores/as. **Revista Letras Raras**, v. 7, n. 3, 2018.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

SIMMEL, Georg. “A metrópole e a vida mental”. IN: VELHO, Otávio Guilherme (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

TEIXEIRA, Claudia Souza. COSTA, Andressa Abraão. Movimento booktubers: práticas emergentes de mediação de leitura. **Texto Livre, linguagem e tecnologia**. Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p. 13-31, jul.-dez., 2016. Disponível em: <<http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/textolivre>>

THEBALDI, Bruno. **A era dos Multimedios: as turbofobias e a construção dos**

imaginários sociais de medo pela mídia.

Saarbrüchen: Novas Edições Acadêmicas,
2016.